

## Editorial

### **História e Filosofia da Ciência: Produção Científica e Circulação de Repertórios**

A edição 36 da Revista *Temporalidades*, entre outros pontos a serem abordados, homenageia Ana Tereza Landolfi Toledo (Tetê) e, por isso, o nosso sincero agradecimento à professora Adriana Romeiro, que gentilmente redigiu texto em memória de nossa colega e aluna do programa, falecida em 2021. O dossiê, com o tema *História e Filosofia da Ciência: Produção Científica e Circulação de Repertórios* apresenta uma abordagem transdisciplinar que conjuga as epistemologias científicas com o processo de produção, divulgação e circulação do trabalho científico, sobretudo para a sociedade em geral. Assim, entendemos a importância de buscar reflexões sobre tais eixos temáticos (ciência, história, epistemologia e divulgação científica), haja vista o entendimento de que, historicamente, a produção científica está associada a um projeto de divulgação do desenvolvimento tecnológico e técnico, assim como da ampliação dos saberes científicos.

História Filosofia da Ciência não compreendem apenas um trabalho de descrição sobre a cronicidade do progresso científico e sobre as matrizes epistemológicas pertencentes à produção científica, especialmente os trabalhos atrelados ao estudo dos fenômenos naturais. Este campo do saber realiza investigações que visam, para além dos aspectos epistemológicos, compreender os impactos sociais das descobertas científicas sobre os fenômenos naturais, considerados também como um produto cultural. Logo, se o objeto de análise é a ciência a partir de suas matrizes epistemológicas, práticas científicas, institucionais e sociais, pretendemos compreender também o papel da cultura neste processo de construção do conhecimento científico.

Embora o objeto da ciência (natural) seja um fenômeno natural, ela não escapa de ser um produto cultural. Isto coloca em xeque a questão da neutralidade científica, preconizada pelos

positivistas. Não obstante, torna-se impossível ignorar as especificidades próprias das formas de conceber e produzir saberes científicos. De acordo com Ludwik Fleck, citado por Mauro Lúcio Condé,

Todo conhecimento é uma atividade social, não apenas quando ele requer cooperação, mas porque ele é baseado em conhecimento deve ser considerado com uma função de três componentes: é a relação entre sujeito e o sujeito individual, certo objeto e um determinado coletivo de pensamento no interior do qual o sujeito atua... (2012, p. 90).

Um outro aspecto a salientar é que, neste processo, podemos perceber a importância da linguagem na produção deste conhecimento e na sua divulgação; uma vez que a linguagem de cada pesquisador se encontra protegida pela especificidade de seus próprios códigos. Sobretudo, interrogar o uso e a finalidade dessa linguagem em seu desdobramento político e social torna-se imprescindível para perscrutar os sentidos do trabalho do pesquisador e de sua produção, assim como entender o alcance da contribuição desta atividade para a sociedade. Nesse caso, é preciso repensar a linguagem e a mobilização de repertórios do discurso científico articulado por meio de uma linguagem hermética e específica, a qual cria dificuldades de interpretação até mesmo para os seus principais interlocutores (membros da comunidade científica)..

Se entre os ditos pares tal linguagem torna-se uma dificuldade para a promoção de um determinado conhecimento, ressalta analisar os efeitos desse discurso na população em geral, que é suscetível a cenários de negacionismo e divulgação de falsas informações. Com efeito, faz parte desta edição tentar compreender, na perspectiva da Filosofia, da Historicidade e da Linguagem, como essas dificuldades de comunicação e divulgação científicas poderiam ser superadas. Qual o lugar do conhecimento científico na sociedade? Ser algo hermético, inacessível ao cidadão comum para além do uso acrítico deste conhecimento? Como conviver com a própria natureza da ciência em seu inexorável caminho da especificidade, que gera abismos profundos na comunicação entre comunidades científicas e na comunicação e o público em geral?

Não se pode olvidar de que o conhecimento produzido sobre os fundamentos de uma sociedade de elevada desigualdade econômica e dividida em classes, que se antagonizam por interesses diversos, também se localiza distribuído de modo assimétrico e excludente. Por conseguinte, os reconhecidos avanços na produção científica e tecnológica contrastam com um cenário de analfabetismo e pobreza. Desse modo, não podemos nos eximir deste debate. Ao contrário, nosso intuito é fomentar movimentos reflexivos sobre a questão da linguagem científica e os seus usos sociais. Apesar de haver ainda quem defenda o rigor da trama discursiva restrita apenas ao entendimento de seus pares, há aqueles que buscam uma democratização permanente do acesso ao conhecimento científico e tecnológico, percebido como um patrimônio universal da cultura. Também é de interesse realizar o debate sobre a questão da invasão cultural e do respeito a outras formas de produção de saberes, confrontando o multiculturalismo a uma possível uniformização da cultura pela ciência e pela tecnologia.

É a partir destas questões e reflexões que propomos o dossiê *História e Filosofia da Ciência: Produção Científica e Circulação de Repertórios* apresentando as perspectivas históricas da produção do conhecimento científico e suas epistemologias face à questão da divulgação desse saber para a sociedade e seus desdobramentos na esfera pública, tomando em especial a questão do negacionismo científico (vigente hoje assim como no passado). A ideia é procurar pensar para quem e o porquê da produção do conhecimento científico discutindo os critérios da racionalidade científica em sua ambivalência, considerando o estudo dos fenômenos naturais e como os mesmos são interpretados pelas comunidades científicas localizadas na especificidade do tempo e do espaço social. Assim, buscamos colocar em diálogo as diversas faces da produção e da divulgação do trabalho científico, considerando seus aspectos filosóficos, sociais e culturais. Não obstante, importa observar que estes diálogos se inscrevem segundo uma gramática (Wittgenstein), estilos de pensamento (Fleck) e os léxicos (Kuhn) que funcionam como aportes teóricos e metodológicos, além de servirem como aparatos culturais para a interpretação dos fatos e fenômenos da natureza. A afirmativa destas

perspectivas de interpretação dos fatos se impõe posto que a cultura não é apartada do fato, e sem o fato o homem se distancia da cultura.

Nosso agradecimento ao professor Mauro Condé que nos orientou na organização deste dossiê. Aos professores Thiago Costa, Andreia Mara Ribeiro da Silveira, Braúlio Silva Chaves e Ronei Clécio Mocellin, que nos concederam entrevistas respondendo a perguntas sobre a função da ciência na sociedade considerando o contexto político atual.

Igualmente, agradecemos aos autores que contribuíram com o dossiê temático desta edição, cujos trabalhos aqui elencamos. Henrique Costa Garcia, no artigo *considerações de Rudolf Steirner sobre o conhecimento histórico: responsabilidade científica e narrativa poética*, trata das considerações de Rudolf Steiner sobre a História e como estão imbuídas de uma perspectiva de responsabilidade científica e uma linguagem poética. Dessa forma, Costa Garcia busca compreender as considerações sobre a História de Steiner em dois momentos específicos de sua vida que possibilita pensar a relação do (a) pesquisador (a) com o conhecimento histórico.

No artigo “*Nos llaman de noche los enfermos*”: *Jesuítas, Indígenas, as Artes de Curar e saberes mestiços sobre tumores (Província Jesuítica do Paraguai, Séc. XVIII)*, Bernardo Ternus de Abreu discute a atuação da Companhia de Jesus nas Artes de Curar através da assistência realizada pelos missionários da Província Jesuítica do Paraguai.

*Em defesa da sociedade: uma análise biopolítica nas capas-reportagens da revista Veja da década de 1980*, André Luís A. Silva problematiza tal publicação como um dispositivo da biopolítica, no qual se cruzam inúmeras relações de saber-poder que buscam produzir subjetividades. Isto é, a relação da mídia com o exercício do poder, presente em todas as esferas do pensamento social contemporâneo.

Em *A ordem da natureza e o doutor Silva Maia no combate aos miasmas mórbidos da cidade do Rio de Janeiro (1835-1858)*, Diego Regio Giacomassi procura entender a concepção da natureza presente na obra do médico e naturalista romântico Emílio Joaquim da Silva Maia (1808-1859), buscando relacionar seu trabalho científico e seu conhecimento sobre o mundo natural com o contexto histórico e político do Regresso Conservador no qual suas obras foram elaboradas. O principal

trabalho analisado pelo autor é o discurso médico de Silva Maia, que combatia as doenças que atingiam a Corte nos anos 30 do século XIX, relacionando o corte de matas próximo dos lugares úmidos como a principal causa das febres. A crítica ambiental do autor e a forma com que compreendia a circulação dos elementos orgânicos e a interdependência entre os seres e seus ambientes de acordo com a teoria da economia da natureza também foram questões abordadas no presente artigo.

*Produção do conhecimento sobre ações afirmativas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC): um estado da arte*, Janine Soares de Moraes apresenta como a produção do conhecimento científico vai sendo construído através de Ações Afirmativas em tal instituição. O texto tem como objetivo central realizar um balanço do conhecimento produzido, acerca do processo de formulação e implementação do Programa de Ações Afirmativas (PAA) na referida universidade.

Por fim, a relação do comércio de carnes e couros do gado vacum e cavalari com as epidemias que atingiram a população da Vila de São João da Parnaíba, localizada na Capitania do Piauí no período de 1772 a 1786 é a proposta de Gutiele Gonçalves dos Santos, no artigo, *O comércio de gado e uma gravíssima epidemia na vila da Parnaíba: as relações entre o comércio e doenças no Piauí, 1772-1786*.

Partindo para os artigos livres, agradecemos as contribuições dos seguintes autores, apresentados com seus respectivos trabalhos:

*A internacionalização das notícias e o periódico O Correio Paulistano na cobertura da Revolução Russa*, artigo escrito por Iamara Andrade que apresenta como a imprensa empresarial brasileira divulgou os principais acontecimentos da Revolução Russa entre setembro e outubro de 1917, marcados pela ascensão dos bolcheviques.

Bruno Pimenta Starling em “*A Alemanha Acima de Tudo*”: O Nacionalismo como Ferramenta do Imperialismo Alemão – 1890-1914 discute como a Alemanha utilizou do nacionalismo como um instrumento para viabilizar a sua política externa. O empenho para identificar os interesses do Estado como interesses da nação foi realizado com a finalidade de extrair recursos sociais, políticos e econômicos para a execução da *Weltpolitik*. Esta foi uma ideia imposta do Estado para a sociedade, de tal maneira que houvesse a impressão de unidade e coesão nacional entre a população e o governo alemão.

Bakhtin e seus estudos sobre a teoria da linguagem são debatidos no artigo *A intertextualidade do gênero de terror em Midsommar (2019)*, de Ari Aster. O interesse do autor, Átila Fernandes dos Santos, centra-se em debater tal filme do cineasta através dos seguintes pontos: a história do conceito do cinema de terror, a relação de contaminação e diálogo de *Midsommar* com as obras de horror voltadas para o grande público, as polêmicas envolvidas dentro do gênero de terror, e os caminhos enunciativos da direção de Aster ao desenvolver em *Midsommar* uma metalinguagem que reflete a história do cinema de gênero de terror.

Já João Felipe Ferreira, em seu artigo *Desfazendo o olhar colonial: fotografia, enquadramento e o “significado” das imagens*, trata de retratos fotográficos de sujeitos negros produzidos no interior de estúdios nas últimas décadas do século XIX no Brasil, visando desestabilizar concepções que abordam as imagens fotográficas sujeitando-as a uma realidade dada *a priori*.

*A formação e a atuação do segundo gabinete parlamentarista republicano, na visão de Manchete (1962)* é uma importante análise feita por Roberto Biluczyk através da cobertura da Revista *Manchete* sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros em 1961, que resultou em uma crise institucional em que tivemos uma curta mudança de sistema de governo, do presidencialismo para o parlamentarismo, limitando os poderes do novo presidente João Goulart. Através de matérias veiculadas pela *Manchete*, busca-se examinar nuances acerca da formação e da atuação da equipe governamental, em meio a esse diferenciado momento da política brasileira, algumas vezes ignorado pela historiografia.

Qual caminho orienta nosso projeto de sociedade? Essa pergunta faz parte do artigo de Bárbara Galli de Oliveira. *A categoria Amefricanidade como relação de estudo da identidade, memória e espaços de fronteira* analisa a categoria político-cultural da “Amefricanidade”, apresentada por Lélia Gonzalez, e seu potencial epistemológico para reorientar a criação de uma nova compreensão da experiência vivida por negros (as) nas Américas e, além disso, contribuir para edificação de um campo crítico e inovado.

A vida e a obra da poetisa maceioense Rita Souza de Abreu, ou Rosália Sandoval, como ficou conhecida entre o seu público leitor de jornais, teve uma participação expressiva na imprensa feminina entre os séculos XIX e XX em Maceió-Recife. Roberta Sodó, no artigo *A poetisa do Norte sob a égide do “espírito feminino*, mostra a ação feminina e feminista no campo das letras e do jornalismo e sua importância junto ao público leitor de jornais.

A região do distrito da Lage teve o maior índice de população cativa de toda a Comarca do Rio das Mortes nos séculos XVIII e XIX, com um acúmulo de riqueza devido à produção para o abastecimento do mercado interno. Neste artigo, *Fragmentação de riqueza da elite rural mineira entre a crise da escravidão e o pós-abolição: o caso da família Pinto (distrito da Lage, 1871 – 1912)*, João Carlos Resende analisa a transformação da riqueza dos inventariados deste distrito entre os anos de 1871-1912.

Já as reflexões sobre a decisão judicial no âmbito contemporâneo do Estado Democrático estão na proposta do artigo *Porvir, atualidade e ter sido no horizonte temporal da verdade do ser no âmbito da interpretação judicial*. Antônio Lúcio Barbosa discute a decisão judicial através da descrição fenomenológico-existencial de Martin Heidegger e também os fundamentos constantes na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer.

O Patrimônio Histórico das cidades que pertencem à Estrada Real é o assunto do artigo *A Estrada Real e a relação entre Patrimônio Histórico e a maior rota turística do Brasil*. A autora, Gabriela Scheffel, analisa o contexto desde a sua criação até a atualidade, com destaque às ações de preservação patrimonial, com vistas a sua valorização como produto turístico e cultural.

Em *A revolução africana: uma teoria do Imperialismo em Frantz Fanon*, Cristiano Junior busca compreender, mediante obras deste psiquiatra, político e filósofo, a perspectiva decolonial, sua teoria do imperialismo vinculada à ideia de uma revolução africana. Sua perspectiva intelectual revolucionária, inédita frente às correntes que mais se manifestavam até então tanto em Argélia quanto em França, conseguiu colocar em pauta a questão da exploração e do colonizado com uma resolução: libertação total do território nacional a partir da luta imediata pela morte absoluta (não verbal, mas concreta) do colonialismo.

A difusão da prensa, durante o período moderno, suscitou na Inglaterra diversos impressos de fácil circulação e acesso que, entre inúmeros temas, abordavam as disputas em torno da questão do gênero. Esta é proposta do artigo, “*Women wear the breeches*”: *disputas de gênero na literatura de rua inglesa (Século XVII)*, de Gabrielle Pacheco Noacco. Fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica, que buscou catalogar as representações literárias sobre mulheres “desreguladas”, percebe-se que esses impressos foram importantes elementos simbólicos na atribuição de papéis femininos e masculinos

A hierarquia de raças humanas e a competição imperial entre França e Inglaterra são aspectos que serão discutidos no artigo *A humanidade inglesa possuía paradoxos? Edward Long e a vindicação de império (1778)*, de Gino de Castro Pinori, tendo como base o panfleto *English Humanity No Paradox, or, An attempt to prove, that the English are not a Nation of Savages*, escrito por Long e publicado por Thomas Lawndes no ano de 1778. Já Ilda Renata Andreatta Sesquim, em seu artigo *Patriarcado e sexismo na formação econômica do Brasil: uma análise da inserção feminina nas políticas desenvolvimentistas da Era Vargas*, analisa a inserção feminina nas políticas desenvolvimentistas de Vargas, a partir de uma breve contextualização de sua política para compreender suas dimensões políticas e econômicas e entender como foi tratada a questão feminina que determinou papéis sociais associados à mulher.

No início do século XIX, boa parte do continente africano ainda era inexplorado. O interesse de muitos que o viam como um lugar exótico, místico e de possibilidades de obter fortunas acentuou algumas obras literárias a esta visão e ao colonialismo. Gabriel Moreira Medeiros Laureano e

Jorlandro Augusto Louzada apresentam o artigo *História e literatura em discussão: África enquanto “Continente Sombrio” pelas “Minas do Rei Salomão” (1885)*, que tem por objetivo analisar a obra do escritor inglês do século XIX Henry Rider Haggard, “As Minas do Rei Salomão”, a fim de identificar nela os elementos que aludem às práticas coloniais naquele momento.

A utilização da cultura material na pesquisa histórica tem permitido um espaço de ricas discussões para compreensão do século XIX no Brasil. Dessa forma, o artigo *Materialidade e conexões em Cajazeiras: o inventário de Francisco Beserra de Sousa (séc. XIX)*, de Viviane Gomes de Ceballos, mostra, em pesquisa em andamento, como o uso dos inventários *post mortem* possibilitam compreender as redes de sociabilidade na cidade paraibana em tal período.

Bruno Ribeiro da Silva, em seu artigo *Um olhar sobre a confissão moderna: Confissão pessoal, corrigir e não castigar*, analisa a obra *Manual de confessores e penitentes*, de Martín de Azpilcueta Navarro (1556), para compreender em que medida podemos pensar a confissão auricular moderna a partir de dois conceitos filosóficos: *Pessoa*, presente na obra do filósofo espanhol Julián Marías, e a *Parrhesia*, que significa “a palavra que transforma”. O conceito foi abordado e estudado por Michel Foucault no curso “Hermenêutica do Sujeito”.

A história dos coretos de Belo Horizonte instalados em praças e parques de maior visibilidade da cidade como uma forma de apropriação urbana pela sociedade é o assunto do artigo *Os coretos contam histórias sobre Belo Horizonte*, escrito por Savilly Buttros. Já o artigo *A estátua de JK: um monumento comemorativo no centro de Diamantina*, de Raphael Martins Cima, mostra como a obra foi construída por seus correligionários no ano de 1958 em homenagem à posse do Presidente da República. O objetivo do texto é problematizar este monumento público mediante uma abordagem que ressalta as questões políticas em torno da sua construção, como também a autoria e a estética da obra.

Por seu turno, *Diálogos entre História, poder e política: Uma reflexão através do estudo A aprovação da lei do divórcio do Brasil (1977): os debates e as polêmicas através das revistas Manchete e Veja (1975-1977)*, de Lauren Cavichioli Quissini, realiza um diálogo sobre a aprovação da lei do divórcio no Brasil e a sua

repercussão na sociedade brasileira, a partir da análise textos veiculados por revistas brasileiras do período.

Observar as possibilidades de fomentar as perspectivas do diálogo entre o pensamento/perspectiva decolonial e da teoria pós-colonial com o campo da Educação Histórica, em ampliações e abordagens, é o objetivo central do artigo *Educação histórica, pensamento decolonial e teoria pós-colonial: consonâncias, novos olhares e perspectivas*, de autoria de Kelvin Oliveira do Prado.

A interação entre o Estado e a mídia durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) e a aproximação dos periódicos com figuras políticas do governo será discutido no artigo *Um oásis no deserto de ideias e homens: a cobertura da imprensa fluminense sobre empastelamento do Diário Carioca*, de Leandro Tonete.

Matheus de Souza Guedes propõe em seu artigo *Identidade nacional e cultural brasileira no modernismo de Mário de Andrade: uma análise da obra Macunaíma, o herói sem nenhum caráter (1928)* pensar a identidade brasileira a partir da obra de Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Por fim a instrumentalização da tortura como política de Estado na ditadura militar (1964-1985) e como prática recorrente nos dias atuais é discutida e analisada em artigo de Stéphanie de Oliveira Moreira, *A instrumentalização da tortura pela ditadura militar brasileira e suas nuances na contemporaneidade*.

Luanna Fernanda da Cruz Bach faz uma reflexão teórica em seu artigo *O feminismo pós-estruturalista e a teoria queer na teologia indecente de marcella althaus-reid*, apontando as aproximações e influências do feminismo pós-estruturalista e da teoria *queer* na obra de Marcella Althaus-Reid, teóloga argentina que se propõe a fazer uma “teologia indecente”. Vinculada à Teologia da Libertação e à Teologia Feminista.

Por sua vez, *Notas em torno da invenção historiográfica de um catolicismo popular no Brasil* é o artigo de Emerson José Ferreira de Sousa que propõe uma discussão sobre o catolicismo denominado de popular no país que tem se constituído enquanto invenção da vasta literatura histórica, sociológica e antropológica.

Quanto às resenhas, a revista *Temporalidades* tem o prazer de trazer as contribuições dos seguintes autores:

Vyctor Nogueira, que apresenta uma resenha de livro dos professores Joaquim Tavares da Conceição e Paulo Heimar Souto, *Memórias de professores nordestinos de História: docência no contexto da pandemia de Covid-19*, uma compilação de textos acadêmicos resultados de trabalhos finais da disciplina “Tópico Especial em Ensino de História. História, memória, identidade e a aprendizagem histórica”, ministrada no Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. Seus capítulos, em forma de artigos, são redigidos pelos mestrados do programa, sobre orientação dos referidos professores. A obra é estruturada em cinco capítulos que debatem as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores de História durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19.

Outra contribuição é da autora Mariana Cunha Fontes, resenhando o livro *Do fake ao fato: Des(atualizando) Bolsonaro*, pensado e organizado pelos professores Valdei Lopes de Araujo, Mateus Henrique de Faria Pereira, ambos professores da Universidade Federal de Ouro Preto, e Bruna Stutz Klem, mestra em história pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. A obra nasceu em meio ao cenário das eleições de 2018 com o choque causado pela vitória de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil. “Como foi possível Bolsonaro ganhar as eleições? Seu projeto destrutivo será duradouro? Quais as alianças e bases sociais do Bolsonarismo? O Bolsonarismo é produto de qual experiência sócio-histórico-temporal?”, como a própria resenha já aborda, são algumas das questões que percorrem os textos, em uma tentativa de esclarecer algumas das particularidades deste fenômeno, como, por exemplo, a ascensão da extrema-direita, o surgimento do movimento de pós-verdade e a recorrente utilização dos discursos de ódio.

Voltando ao tema do dossiê, como a ideia da presente edição é pensar para quem e o porquê da produção do conhecimento científico discutindo os critérios da racionalidade científica em sua ambivalência, considerando o estudo dos fenômenos naturais e como os mesmos são interpretados pelas comunidades científicas localizadas na especificidade do tempo e do espaço social, as

entrevistas se pautam por essa problemática. Dessa forma, apresentamos as entrevistas realizadas com os professores Thiago Costa, Andrea, Mara Ribeiro da Silveira, Ronei Clécio Mocellin e Braúlio Silva Chaves, em que se discute a ciência e a sua linguagem específica de cada repertório.

Ao final, a Revista *Temporalidades* agradece a todos pareceristas *ad hoc* e aos editores e responsáveis por este periódico. E como não poderia deixar de mencionar o seu repúdio a campanha antivacina do governo federal que resultou em mais de 600 mil mortes no Brasil até o momento.

*Elizabeth Rouve*

### Referência

CONDÉ, Mauro Lúcio. Ciência e Linguagem: Ludwik Fleck e Ludwig Wittgenstein. In: CONDÉ, Mauro Lúcio (org.). **Ludwik Fleck**: Estilos de pensamento da ciência. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.